



ORALIDADE

por Carlos Pereira

Eu gostaria de dividir com vocês aqui um texto que preparei para o grupo de estudos chamado Estudos Malungos, que foi fruto da parceria com a querida Tereza Onã. Os Estudos Malungos foi mais que um grupo de estudos, foi um aqilombamento que, mesmo de forma remota, no ano de 2021, quando a gente estava em casa devido ao distanciamento imposto pela pandemia de Covid-19, era uma possibilidade de cuidado mútuo e de nutrição de afetos, especialmente pra mim, que nesse mesmo ano adoeci de Covid e fiquei muito mal. Ao longo das minhas duas internações recebi muito afeto e axé do grupo. Voltar pros encontros, depois de passado esse processo mais grave de adoecimento, foi muito importante pra mim. Esse grupo funcionou apenas em 2021, mas deixou memórias e registros que ainda fazem parte dos meus passos e, quem sabe, de outras pessoas também.

A oralidade é um dos valores civilizatórios das várias etnias negras e indígenas. Removidos os efeitos da ocidentalização dos modos de vida, não há dúvidas de que esses povos têm na oralidade a principal via de construção e disseminação de conhecimentos e de organização comunitária. Mas a oralidade representa muito mais que apenas esta via de comunicação e pretendemos, com este texto, refletir um pouco mais sobre este tema.

Oralidade não significa agrafia

Muitas vezes ouvimos dizer que a oralidade é um artefato das sociedades ágrafas, ou seja, que não desenvolveram a escrita. E muitas comunidades negras (africanas ou afrodiaspóricas), e indígenas (de *Abya Ayala* [5] ou especificamente de *Pyndorama* [6]) são consideradas ágrafas sob a justificativa de não terem desenvolvido sistema alfabético de escrita. Contudo, essa definição de agrafia é colonialista, pois desconsidera os símbolos e grafismos desenvolvidos por essas culturas, esvaziando-os de significado.

Pois o que é a escrita se não o desenho de símbolos cuja forma e disposição lhe conferem um sentido e para o qual são atribuídos fonemas, sons na língua falada. Neste sentido, o que dizer da imensa quantidade de símbolos e grafismos pertencentes aos povos originários negros e indígenas? Não eram os hieróglifos um complexo sistema de escrita Kemético [7]? E os Adinkras [8], utilizados pelos Akans, seriam eles esvaziados de significado? E os grafismos indígenas, não seriam códigos organizados que transmitem mensagens específicas?

A Resistência Indígena Puri, por meio de postagens em sua página no Instagram, tem militado pela retomada linguística em favor da justiça cognitiva para com os povos indígenas, lembrando que, se a escrita é o ato de marcar uma superfície com símbolos organizados (não necessariamente de forma alfabética) para que seja transmitida uma mensagem, então, a escrita sempre esteve presente entre povos indígenas, estampada em seus corpos, suas artes, cestarias e cerâmicas, por exemplo. Lembra-se, ainda, que a oralidade tem papel central entre povos originários, contudo não se deve abraçar o discurso colonizador que nega e invisibiliza as realidades das nossas culturas ancestrais, esquecendo-se, por exemplo, da comunicação escrita por meio dos grafismos ou mesmo a capacidade de organizar suas línguas por meio de códigos alfabéticos. Lembremos das cartas escritas por indígenas em suas línguas nativas (do tronco tupi) descritas por meio de códigos alfabéticos, ainda no século 17!

Oralidade como modalidade de discurso

Neste sentido, é importante percebermos a oralidade de uma forma mais ampla, não apenas como comunicação oral, mas como uma modalidade de discurso que envolve o uso: da palavra, que são códigos carregados de signos e sons específicos de uma determinada língua ou dialeto; do espaço, considerando sua organização e os elementos que o compõem; do corpo, considerando sua forma, movimentos, gestos, expressões e adereços; do som, produzido pelo corpo ou por meio de instrumentos; dos símbolos, que carregam significados imagéticos e comunicacionais que são próprios de cada cultura; e do encantamento, que se refere à ritualística da palavra, do seu poder e potencial em (des)organizar, (des)equilibrar, construir/destruir.

Entender a oralidade como modalidade de discurso, elevando-a ao mesmo patamar que outras modalidades, como a escrita, nos ajudará a romper com a hierarquia de conhecimento que se manifesta nas relações acadêmicas e sociais, que coloca aquilo que vem da oralidade no domínio do popular (e, portanto, do senso comum) e aquilo que é acadêmico no domínio na escrita, que, assim, passa a ser qualificado como científico, erudito, confiável. Além disso, servirá para entendermos que o trânsito entre modalidades é possível, mas que, para isso, é preciso haver uma tradução, entendida aqui como um fenômeno de relacionamento, correspondência e associação entre diferentes dialetos e modalidades de discurso.

Cabe oralidade na escrita?

Desta forma, seria possível e natural a manifestação da oralidade por meio de outras modalidades, como na escrita, embora não seja possível, por meio da escrita, expressar toda a complexidade da oralidade e de tudo que ela envolve. Contudo, o que nos interessa é afirmar que a oralidade pode se manifestar por meio da escrita, bastando, para isso, o exercício da tradução. É importante refletirmos sobre isso porque nunca foi tão importante e necessário para nós, enquanto sociedade que se organiza principalmente a partir de matrizes afroindígenas, que nossa ancestralidade, oralidade e vivência seja relatada nas mais diversas modalidades de discurso. Contudo, a prática da escrita têm ficado, muitas vezes, restrita às pessoas que avançaram no caminho acadêmico, chegando à graduação, mestrado e doutorado, que são conclamadas como intelectuais, negligenciando a potência dos negres e indígenas não acadêmicos em também exercerem a sua escrita. Isso nos leva a pensar sobre, de fato, quem está "legitimado" para escrever, ainda que seja sobre (e a partir da) oralidade.

Quem está legitimado a escrever?

O racismo de inteligência, ou racismo epistêmico, promove a negação de outras formas de conhecimento diferente daquela hegemônica, ao mesmo tempo em que se cria um caminho socialmente aceito (e reproduzido) para construção do intelecto que relaciona títulos à lugares e funções sociais..

Por isso é tão contraproducente e de certa forma constrangedor e vexatório para boa parte das pessoas ocidentalizadas no modo de vida, lidar com uma faxineira letrada, como aponta Verônica Oliveira na sua página Faxina Boa, também no Instagram. Ou lidar com uma pessoa que tem doutorado e que trabalha como auxiliar de cozinha e que lava pratos em um restaurante em área de favela. Pela lógica do mérito, seria até possível dizer que essa pessoa fracassou, ou que ela não está se esforçando o bastante, ou que está jogando fora seus títulos e os longos anos de formação.

Mas esse desconforto parte da visão ocidental de que a trajetória acadêmica se encerra no pote de ouro, ou seja, na tão sonhada oportunidade que lhe renderá dinheiro, prestígio e satisfação, pensamento que se relaciona à construção social de que títulos favorecem acesso a determinadas oportunidades e espaços. Mas esse percurso naturalizado da formação à oportunidade não é possível para todos, e quando alguém que chegou tão longe na vida acadêmica não ocupa, ao fim, essa oportunidade, surge esse constrangimento. Contudo, se esse constrangimento fala mais alto que a percepção da potência e da possibilidade da construção de um vasto capital cultural por parte das pessoas que ocupam esses postos de trabalho ligados a profissões marginalizadas e subalternizadas, significa que nosso pensamento está sendo guiado pelo racismo de inteligência e pelo classismo!

Mas toda essa volta (super importante!) foi para dizer que não podemos pensar que somente as pessoas vistas como intelectuais, que ocupam postos e funções de destaque e prestígio, estão aptas ou são legitimadas a escrever. Pois entre pessoas comuns há um vasto capital cultural que pode ter sido fruto dos estudos e/ou das vivências e experiências dessas pessoas comuns. Ninguém tem o direito de dizer a uma pessoa que ela não é suficientemente capaz de escrever, ou que o que ela escreve não é bom, útil ou interessante, especialmente se essa pessoa que escreve é negra, indígena, quilombola, cabocla, ribeirinha, dissidente de gênero, da comunidade LGBTQIAP+, mulher, pessoa que vive com HIV/AIDS, pessoa que vive com deficiência, ou é pobre, ou não é letrada. Escrever é um ato político que deve fazer parte da luta das pessoas marginalizadas e excluídas do exercício do poder. Escrever também é militância. E a militância da Oralidade e da Ancestralidade pode e deve ser escrita.

A escrevivência

Romper com a hierarquia de conhecimento e com o racismo de inteligência no ato político de escrever abre espaço para que o cotidiano, a vida, a vivência e a oralidade se manifestem na escrita, compondo o que Conceição Evaristo chama de escrevivência.

Quando se fala por meio da escrevivência é a nossa ancestralidade preta e indígena que fala, pois não é possível dissociar do ato da escrita esse modo de vida e de ser que é próprio dessa ancestralidade.

A escrevivência consiste no ato político da escrita baseada na experiência de um lugar de fala, compondo obras carregadas de sentido não apenas literário, mas também de manifesto, de exposição de situações de vida invisibilizadas, de mobilização, inclusive contra a meritocracia tão presente nas relações sociais e de mercado no Brasil, até mesmo no que se refere à produção de arte e de literatura.

E este ponto é preciso ressaltar aqui: afirmamos que todos podem escrever, mas infelizmente nem todos terão as condições necessárias para publicar suas obras, pois ainda vivemos numa sociedade injusta, desigual e meritocrática. Lembremos das agruras pelas quais passou Carolina Maria de Jesus até ter seus livros publicados e o quanto foi negado a ela as condições para publicação de suas obras. Sem uma análise atenta dessa e de outras histórias, poderemos até chegar a acreditar que se lutarmos bastante, sofrermos bastante, insistirmos bastante, vamos conseguir. Mas não, essa não pode ser nossa perspectiva, pois não podemos romantizar o sofrimento de uma pessoa, no caso uma mulher negra, em seu processo de vida, trabalho e criação e nem observar esse contexto sem considerar os determinantes sociais dessa condição, que é fruto do racismo e da colonialidade.

Também não devemos acreditar na tutela, como se ganhar espaço dependesse do suporte de alguém que já conseguiu espaço ou está ligado ao poder hegemônico. Não queremos mais a tutela de uma estrutura que decide por meios próprios o que vale ou o que não vale a pena ser produzido e realizado. Por isso, nunca foi tão importante organizações de mídia, edição e produção artística criadas e mantidas pelas minorias políticas. Se precisarmos de suporte, que este venha dos nossos. Só assim poderemos romper com essa estrutura que decide, inclusive, quem está apto a falar.

Mas quem está apte a falar?

As comunidades negras e indígenas sempre foram objeto de estudo das ciências. Suas vidas e memórias sempre foram contadas, mas a partir de um lugar e de uma fala que lhes são estranhos.

Quando alguém relata nossa fala, nosso discurso e nossa memória, estamos sujeitos à parcialidade, à tendência e à estética de quem detém a caneta. Por isso, os registros históricos, filosóficos e antropológicos não são suficientes para entendermos a ancestralidade e a memória negra e indígena, pois o relato, na sua grande maioria, não fala como nós somos ou pensamos, mas como o outro nos lê, nos vê e nos sente. Somente quando a pessoa afroindígena é a pessoa que fala e que registra é que é possível compreender com mais propriedade seu modo de vida e apreender melhor sua mensagem.

Por natureza e por direito todos os povos e todas as pessoas podem falar. Mas por estrutura e construção social, nem todos estarão legitimados a este ato, oral, escrito ou traduzido em imagens. É preciso discutir amplamente sobre isso, para que a nossa ancestralidade negra e indígena possa ser contada a partir de nós mesmas e para que a história e a memória sejam recontadas a partir de nós mesmas. E esse movimento já está em curso, pela força de nossas próprias comunidades!

Oralidade como modo de vida

Falamos da oralidade como modalidade de discurso, mas existe uma dimensão social da oralidade que é ainda mais ampla. Na oralidade se apoiam importantes valores sociais e civilizatórios das comunidades negras e indígenas como a interação em roda e o contato com as pessoas mais velhas. Além disso, desde *Ma'at* [9], em Kemet, construímos valores comunitários ligados à ética e ao valor da palavra. Acordos e contratos eram celebrados apenas com a força da palavra, na ética de *Ma'at*.

Oralidade e Memória

A oralidade tem uma relação muito intensa com a memória. A memória está para a oralidade assim como o registro está para a escrita. E onde está essa memória no seio das comunidades tradicionais? Está na vivência, que se acumula nos mais velhos. Nessas comunidades, os mais velhos têm papel central no sentido de ser a ponte entre os vivos e a memória de todos os que os precederam, bem como a tradição da sua ancestralidade (modo de vida). São verdadeiros mestres, chamados de Griôs, que por meio da oralidade (como fenômeno do discurso) e da oralidade (como fenômeno da relação) transmitem um legado e orientam a comunidade na construção de suas próprias memórias, por meio de suas vivências.

A vivência se refere à experiência simbólica e sensitiva de estar presente. Perceber com os sentidos, fazer parte, integrar, em uma relação específica e profunda com o tempo, com os pares, com o ambiente, com o universo. Por meio dessa vivência busca-se desenvolver a máxima potencialidade da pessoa e de seus talentos em benefício da coletividade, guiando-se pelos Griôs, no ensinamento dos valores da ancestralidade.

Nessas comunidades, se um mais velho morre fora do movimento natural da vida e da comunidade, interrompendo o processo de transmissão do legado (como vimos acontecer em comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas, devido a pandemia de Covid-19) perde-se um pouco da identidade, da ancestralidade e da memória coletiva. Se pensarmos em todos os processos de sequestro e de genocídio negro e indígena praticado desde a idade média, perceberemos quanto conhecimento foi perdido, quantas memórias foram esquecidas, quantas ancestralidades (modos de vida) se perderam.

Quando esses mais velhos se vão sem deixar suas sementes, buscar desenvolver e resgatar os conhecimentos se torna mais difícil. Um grande trabalho tem sido feito em comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas, de terreiro, para resgatar essa memória, vivê-la e recontá-la a partir da oralidade.

A oralidade das comunidades tradicionais têm muito a inspirar as sociedades capitalistas a resolverem seus dilemas éticos, políticos, ecológicos, econômicos, sociais e epistemológicos, visto que se traduz em um modo de vida pautado no equilíbrio, na fluidez, na responsabilidade, na integração e pluralidade da expressão e da vivência. O pensamento é plural, a vida é plural, o conhecimento é plural e se expressa em muitas vias, como a da oralidade. Falar desta via que, para nós, tem valor civilizatório é um chamamento, uma forma de reafirmar nossa natureza, nossa ancestralidade e a força da nossa palavra. Que a palavra possa nutrir nossas ideias, nossos atos e nossa ética e possa nos reconectar com a nossa essência, com a nossa ancestralidade. Que possamos resgatar nossa memória, o legado dos nossos povos.

No simbolismo de Sankofa: ***se wo were fi na wosan kofa a yenki***, nunca é tarde para voltar atrás e buscar o que esqueceu.

Notas:

[5] Nome dado à América Latina pelo movimento indígena latino americano.

[6] Nome que era dado por povos de línguas do tronco Tupi à região litoral do território que, hoje, chamamos de Brasil.

[7] Kemético se refere à *Kemet*, nome dado à sociedade antiga que ocupou a região que, hoje, conhecemos como Egito.

[8] *Adinkra* é o nome de um conjunto de símbolos utilizados para comunicação e arte, sendo considerado um entre vários sistemas de escrita dos povos africanos. Cada um dos mais de 80 símbolos desse sistema transmite um conjunto de ideias e carrega um conteúdo não apenas estético, mas que incorpora, preserva e transmite os valores e a filosofia próprias do seu povo. Cada símbolo tem um nome e se liga a um provérbio específico.

[9] *Ma'at* é um princípio vivido em Kemet que se refere ao espírito da ética e da retidão, sem o qual só restaria o caos no mundo. Esse princípio encarna na figura da divindade de mesmo nome, *Ma'at*, muitas vezes representada por uma pena, ou uma mulher com uma pena sobre a cabeça. A deusa *Ma'at* representa a ordem, a retidão, a justiça e a verdade.

Páginas citadas:

Resistência indígena Puri: <https://www.instagram.com/resistenciaindigenapuri/>

Faxina Boa: <https://www.instagram.com/faxinaboa/>

Obras citadas:

PRIVAT, J.M. Oralité/Oralidade (de Certeau), **Pratiques**, 183-184, 2019, Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/6782>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pratiques.6782>

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C.L.; NUNES, I.R. (orgs.).

Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.



Coração de cerâmica
8 cm x 5 cm
escultura
cerâmica engobada e tinta fria
2022

Cigarra
13 cm x 9 cm
escultura
cerâmica engobada e tinta fria
2022

Cerâmicas produzidas por Guerra Tapuio

"Explorando as práticas artísticas de cerâmica, trago uma temática do amor, buscando do outro lado do oceano Atlântico, especificamente de antiga civilização de Daomé, onde a beleza, o luxo, o amor, as flores, os perfumes e afins se personificam em uma divindade conhecida como Ezili Freda. Em comum com pontos riscados, os vevês, são elementos visuais que são associados as divindades de diversos cultos. Um pensamento filosófico ao observar a natureza, podemos refletir sobre como as cigarras podem ser um símbolo de amor próprio e atração, pois em sua curta vida, elas cobrem os ambientes com seu canto para atrair parceiras para acasalar. Sendo assim, elas não precisam ir atrás do amor, pois apenas cantando o destino se encarrega de encaminhar sua companhia" (Guerra Tapuio)

Fonte:

<http://claudio-zeiger.blogspot.com/search/label/a%20deusa%20do%20amor>

